

Sonhando a posição depressiva

Dreaming of the depressive position

Bruno Medici Silveira

Resumo:

O artigo tem como proposta uma elaboração pessoal do autor a respeito do conceito kleiniano de posição depressiva. Para isso, abordam-se os principais elementos desta posição psíquica, suas angústias e defesas características, bem como suas relações com os processos de luto. Há, no percurso do texto, liberdade e abertura para ressonâncias com outros campos de conhecimentos, como a filosofia e a literatura, procurando pensar a elaboração da posição depressiva como um marco importante para as vivências de intimidade e para a possibilidade de experimentar a solidão de forma serena

Palavras-chave:

Posição depressiva, angústias depressivas, luto.

Abstract:

This article proposes a personal elaboration of the author regarding the Kleinian concept of depressive position. For this, the main elements of this psychological condition are approached, its characteristic anxieties and defenses, as well as its relations with the mourning process. There is, in the course of the text, freedom and openness to associations with other fields of knowledge, such as philosophy and literature, seeking to think of the elaboration of the depressive position as an important milestone for the experiences of intimacy and for the possibility of experiencing solitude with serenity.

Keywords:

Depressive position, depressive anxieties, mourning.

*Quando o morto chora, é sinal de que está
a caminho da cura – disse solenemente o Corvo.
(Carlo Collodi, Pinóquio)*

Marcela, menina de oito anos de idade, está em análise há aproximadamente quatro meses. Sua brincadeira mais recorrente consiste em jogar, de forma raivosa, os objetos de sua caixa lúdica no analista, enquanto ele finge que dorme deitado no chão. O analista permite que isso se dê, coloca apenas a condição de que ela não deve jogar os objetos com força suficiente para machucá-lo. Em alguns momentos, parece difícil que ela consiga respeitar esse acordo e ele precisa intervir, pedindo que tome cuidado. Em certas ocasiões, mesmo enquanto joga as coisas, é tomada por um olhar triste e angustiado, como se todo aquele movimento agressivo, aparentemente sem preocupação com o outro, não causasse dor apenas ao analista, mas também a si mesma. Ainda assim, continua jogando os objetos, não pode parar, transmite a impressão de que algo precisa ser descarregado. A mãe conta que sempre foi muito explosiva nos cuidados com a filha. O pai também perde a paciência facilmente com ela e as brigas são frequentes. Recentemente, a menina tem se preocupado bastante com o estado de saúde de pessoas queridas. Por vezes chora com medo de que a mãe e os avós morram e de que os pais se separem.

Vai se desenhando, assim, uma configuração psíquica complexa para Marcela, em que os pontos que se mostram de difícil trato dizem respeito à ambivalência diante do objeto de amor e à angústia de perder este objeto dentro de si. Ou seja, questões centrais do que Melanie Klein nomeou como posição depressiva estão em jogo aqui.

Em meu ponto de vista, como observei antes, já no período de amamentação, quando começa a ver a mãe como uma pessoa completa e passa da introjeção de objetos parciais para a introjeção do objeto total, a criança experimenta alguns dos sentimentos de culpa e remorso, algumas das dores que resultam do conflito entre o amor e o ódio incontrolável, algumas das ansiedades em torno da morte iminente dos objetos amados externos e internalizados – ou seja, num grau suave e reduzido os mesmos sofrimentos e sentimentos que encontramos totalmente desenvolvidos no adulto melancólico. (KLEIN, 1935, p. 327)

O trecho citado parece dizer muito sobre o que se passa com Marcela. É evidente que há nela um ódio intenso direcionado para as figuras amorosas e que se expressa na transferência com o analista. Também na transferência é possível notar a angústia que a atravessa durante o jogo agressivo. Não se trata apenas de um estado persecutório, mas também de um pesar e de uma tristeza que estão diretamente relacionados com a dinâmica hostil que a habita. Neste sentido, parece haver a sensação de que não seria possível proteger totalmente o objeto de amor, que estaria sob o risco de ser perdido. Poderíamos nos questionar quanto da hostilidade de Marcela se coloca como uma reação à hostilidade dos pais, confirmando e estimulando suas fantasias sádicas. Definitivamente, o ambiente em que ela vive parece pouco propício a trocas mais calmas e amorosas, que poderiam apacar e contrabalançar sua agressividade. Vemos, assim, a despeito de toda a oscilação recorrente na elaboração da posição depressiva na infância, uma possível melancolia em desenvolvimento na menina.

Um dos pontos fundamentais para a compreensão da posição depressiva diz respeito à introjeção do objeto total. Com o crescimento e desenvolvimento do bebê, há uma tendência do ego a se integrar e a se organizar, tendência essa que também se estende a uma síntese dos diversos aspectos do objeto¹. Como consequência deste processo, as imagens internalizadas passam a se aproximar mais da realidade e é possível uma identificação mais completa com o objeto. Tem-se, dessa forma, a passagem de uma relação de objeto parcial para uma relação de objeto total. A mãe passa a ser concebida como um objeto inteiro para a criança e é possível se identificar com ela.

Na relação de objeto total, a criança se posiciona diante da mãe (ou do objeto) levando-a em consideração e “poderá começar a se interessar por sua preservação e a temer por seu desaparecimento” (CINTRA e FIGUEIREDO, 2004, p.79). Ou seja, na relação de objeto total, o objeto surge como alteridade, como um outro independente do bebê, um outro ansioso e amado apesar de seus aspectos desagradáveis e odiados. E essa é justamente a dificuldade gerada pela nova configuração: o objeto, percebido e sentido em sua totalidade, comporta características que não são facilmente assimiláveis entre si. Como amar algo que também contém aquilo de que não gosto e odeio? O amor e o ódio passam a conviver, não estão mais distantes e separados como na posição esquizo-paranoide, dirigem-se ao mesmo objeto, fazem parte da relação com ele, inaugurando, assim, a ambivalência.

1 Esse aspecto do desenvolvimento do ego fica mais evidente e explícito no artigo Klein de 1948, *Sobre a teoria da ansiedade e da culpa*.

Mas por que Klein fala de identificação com um objeto total e não apenas usa a expressão relação de objeto total? Tal aspecto me parece remeter a uma metapsicologia do aparelho psíquico tipicamente kleiniana. Embora seja possível pensar os aspectos dinâmicos e econômicos na teoria de Klein sobre o psiquismo, a configuração topológica pensada por ela é bastante característica. Como em Freud, temos a distinção entre id, ego e superego. Mas, mais do que isso, há um universo de objetos internalizados que habitam a mente infantil e que dão figurabilidade a essas instâncias. Esses objetos interagem entre si e com o ego, formam o superego, influenciam a relação do sujeito com o mundo externo etc. É o que se costuma denominar de mundo interno e o operador que permite a articulação entre seus diversos elementos é o conceito de fantasia. Neste sentido, dizer que o ego se identifica com um objeto mais completo, total, significa que este objeto está introjetado no mundo interno do sujeito, tornando-se um importante ponto de apoio para a organização egoica. Dessa forma, mesmo que os processos de maturação promovam uma tendência de síntese no ego, favorecendo também a síntese de aspectos do objeto, a própria introjeção deste objeto amado e total favorece a possibilidade de um ego coeso e fortalecido para lidar com os constantes traumatismos da vida. A identificação com esse objeto interno influencia a relação que a criança estabelecerá com o objeto externo e real, ampliando a percepção tanto da realidade interna quanto externa.

Pois bem, mas se o mundo interno é habitado por perseguidores e nunca se apresentou como lugar seguro para o ego, também não o seria para o bom objeto internalizado. Esse objeto estaria, assim, em risco, na iminência de ser perdido e destruído como consequência do sadismo da criança. Vemos surgir, dessa forma, uma nova modalidade de angústia, até então desconhecida: o medo da perda e a preocupação com o objeto amado, o que será caracterizado como aspectos da angústia depressiva. O objeto não só pode ter sido destruído pela violência que habita o sujeito, como pode ter sido danificado. Ao integrar as características destrutivas e amorosas em uma mesma figura, o bebê se dá conta da destruição que causou em fantasia a seu objeto de amor. Sente que aquilo que ama foi atacado e estragado. Surge então, a tristeza e o desespero, o sentimento de culpa e de responsabilidade com o outro, bem como a necessidade de reparação.

No entanto, antes de passarmos efetivamente para a ideia da perda, cabe pensar um pouco mais o que seria essa instalação do bom objeto junto ao ego. Cintra e Figueiredo (2004) falam que a introjeção do bom objeto corresponde a uma espécie de reserva interna de experiências de prazer, funcionando como uma garantia de prazer e de segurança que possibilita maior tolerância à privação e à frustração. Poderíamos dizer que isso corresponde a uma aquisição

emocional muito importante. Se a posição depressiva não elimina as angústias persecutórias e a elas adiciona as angústias de cunho depressivo, há, no entanto, a possibilidade de um ganho que, se tudo correr razoavelmente bem, permitirá ao sujeito suportar as dificuldades da vida com maior estabilidade. A introjeção do bom objeto permite, a meu ver, a instalação de uma espécie de morada interna ao indivíduo, um refúgio, um abrigo, que garante e é fonte de sua intimidade e da experiência de uma solidão serena. A impressão que tenho é que é nesse momento que a pessoa pode habitar a si mesma e, a partir disso, o mundo.

Encontraremos na filosofia um autor que soube explorar de maneira rica e com muita beleza o que a possibilidade da morada permite. Falo aqui do estudo da intimidade a partir da investigação de imagens poéticas feito por Gaston Bachelard (1978). Penso que as imagens trabalhadas por ele em toda sua pesquisa sobre o devaneio, sobre o sonho e, especialmente, sobre o espaço, na figura privilegiada da casa, oferecem um campo rico de ressonâncias para esta temática da morada interna. Quando fala da casa, Bachelard fala daquele que a habita e das possibilidades de investigação sobre sua intimidade que a casa oferece. Diz ele: “a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz [...] sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano” (1978, p.201). Para a psicanálise, o primeiro mundo do ser humano é a mãe; ela é sua primeira morada. Bion e Winnicott certamente desenvolveram essa função continente da mãe mais do que Klein. Mas é a partir da aquisição do bom objeto que o bebê pode habitar a si, ainda dependendo da mãe, mas com uma experiência menos perturbadora, mesmo quando longe dela.

Bachelard, a partir do romance *Malicroix* de Henri Bosco, trabalha ainda uma bela imagem da casa atacada pela tempestade. Cito Bosco a partir de Bachelard (1978):

A casa lutava bravamente. Em lamentos, a princípio; as piores rajadas a atacavam de todos os lados ao mesmo tempo, com um ódio distinto e tais urros de raiva que durante alguns momentos eu tremia de medo. Mas ela resistiu. Desde o início da tempestade, ventos violentos arrancaram parte do telhado. Tentaram arrancá-la, partir-lhe os rins, transformá-la em destroços, aspirá-la. Mas ela curvou o dorso e segurou-se firme à velha trave-mestra. Outros ventos vieram e, enfiando-se pelo rés do chão, se atiraram

contra as paredes. Tudo se vergou ao choque impetuoso, mas a casa, flexível, tendo-se curvado, resistiu à fera. Sem dúvida, ela se prendia ao solo da ilha por raízes inquebrantáveis, daí porque suas paredes finas de pau-a-pique e de madeira tinham uma força que se afigurava sobrenatural. Em vão atacaram suas janelas e suas portas, fizeram ameaças colossais, clarearam a chaminé; o ser ora humano em que eu abrigava meu corpo não cedeu nada à tempestade. A casa se apertou contra mim, como uma loba, e por momentos senti seu cheiro descer maternalmente até o coração. Ela foi realmente a minha mãe, naquela noite. (p. 226)

É na tempestade que o valor de proteção que a casa oferece à intimidade surge com ainda mais força. E – já que tomei a liberdade de sonhar a posição depressiva a partir de Bachelard – o que corresponderia no bebê a essa experiência em que sua morada interna treme, parece próxima de desabar e corre o risco de desalojá-lo? Não seria essa imagem da casa atacada pela tempestade uma metáfora possível para a angústia depressiva? O terror de perder aquilo que oferece ao bebê o seu lugar dentro de si? E o que seriam os ventos, as rajadas que sacodem as paredes da casa e que a ameaçam durante a tormenta? Também aqui não teríamos a possibilidade da metáfora dos objetos internos hostis que ameaçam o ego e o bom objeto amado? Não seriam eles que tentariam, em certos momentos de tormenta, colocar a casa abaixo?

Com essa imagem, voltamos às angústias que assolam o bebê. A persecutoriedade está, de alguma forma, constantemente à espreita. Mas na posição depressiva temos também o medo da perda do objeto amado, a preocupação por ele. Klein (1935) coloca que a distinção entre angústia de aniquilamento e angústia depressiva se mostra um bom operador teórico e clínico. Estas duas modalidades de angústia são, de fato, diferentes. Mas fico a me perguntar sobre a experiência do sujeito que experimenta o amor a um objeto em toda sua potência e expressividade pela primeira vez. Quando alguém é tocado pela experiência amorosa plena e genuína, me parece impossível viver sem ela após isso. A vida deixa de ter sentido sem o amor. É claro que esta ideia evidencia sua filiação romântica. Mas também nos coloca na perspectiva do amor como condição para a vida. E, por esse olhar, o medo do aniquilamento e a perda do objeto corresponderiam à mesma coisa. Sem aquilo que amo, já não posso mais viver; o que equivaleria, assim, ao aniquilamento do eu. Essa ideia poderia ser associada a um luto patológico ou ao estado melancólico. No

entanto, penso que a aquisição do objeto bom dentro de si coloca o sujeito em um patamar sem volta: ele precisa do objeto para viver; o amor que dele (objeto) emana se torna condição de sua integração e de sua vida.

Com a introjeção do objeto como um todo, o ego percebe o desastre criado por seu sadismo. Percebe o estado de desintegração a que levou seu objeto amado. Surge o desespero e o remorso. No melhor dos casos, surge a tristeza. Em Marcela, vemos o sadismo ainda em alta, provavelmente estimulado pela hostilidade dos pais. As experiências de frustração com esses pais levam a ataques de ódio e provavelmente à sensação de destruição do objeto de amor. Seu mundo interno estaria habitado por objetos danificados, lesados e quase mortos. Essa devastação do mundo interno, habitado por objetos moribundos e por objetos perseguidores configuraria o estado melancólico. Não é possível afirmar que esta seja a situação de Marcela. O que se pode dizer em seu caso é que os objetos estão constantemente em risco e que ela não confia em sua própria capacidade de restaurá-los.

Klein afirma em 1935 que uma das formas de lidar com as angústias de cunho depressivo seria o impulso à reparação. A reparação é necessária para restaurar o objeto danificado ou perdido. Ao lidar com o desespero e com a culpa, a reparação se impõe como condição para que o caos das angústias persecutórias não seja predominante e interminável. O problema é que a reparação também não é um processo simples. Implica não só o reconhecimento do dano como também de nossa própria destrutividade, de nossa imperfeição para proteger aquilo que amamos. Implica, assim, um luto pelo objeto e por nós mesmos. Há o temor pela incapacidade em restaurar, em conseguir juntar os pedaços, em fazer isso da maneira correta. Neste sentido, algumas das defesas suscitadas pelas angústias depressivas apresentam-se na esfera da mania.

As defesas maníacas estão diretamente relacionadas com a negação: nega-se a importância dos objetos bons; nega-se o perigo a que estão submetidos estes objetos. Eles perdem, assim, sua relevância e isso ajuda a conter o desespero e o pesar por eles. Tornam-se descartáveis; há indiferença e superioridade em relação a eles. A reparação maníaca é uma reparação mágica, pouco fundamentada no real estado de coisas: os objetos seriam destruídos e ressuscitados de uma hora para outra, sem trabalho psíquico para isso. O que a reparação maníaca procura é um renascimento sem choro, sem tristeza, sem dor. Pinóquio acreditava que ao plantar suas cinco moedas de ouro iria fazer brotar uma árvore que teria como frutos duas mil moedas, as quais daria a seu pai para mitigar o mal que lhe fez. Não é isso, ao final, o que salvará Gepeto. O que irá salvá-lo será o mergulho difícil e corajoso do boneco na escuridão do oceano com o pai às costas. A reparação de fato só ocorre quando o sujeito dá tudo de si; é um ato de amor.

Em 1940, Melanie Klein faz uma importante contribuição ao relacionar os estados de luto e a posição depressiva. Segundo ela, em todo processo de luto, em toda perda na vida de alguém, reinstalam-se as condições experimentadas quando da elaboração da posição depressiva na infância. Ou seja, a pessoa em luto não busca apenas reinstalar o objeto perdido dentro de si, mas também todos os objetos amorosos que a habitavam e foram introjetados ao longo de sua vida. É como se ela sentisse que seu mundo interno desmoronou, que a vida interior acabou e que o caos se fez novamente presente com o aumento da persecutoriedade. Assim, a dor experimentada no processo de luto se dá pela necessidade de renovar os elos com o mundo externo e também por ter que “reconstruir com agonia o mundo interno, que o indivíduo julga estar em perigo constante” (KLEIN, 1940, p. 397).

No luto normal, a pessoa consegue aos poucos reestabelecer a confiança na vitalidade tanto de seu mundo interno quanto de seu mundo externo a partir dos laços amorosos com aqueles que a cercam. O que vai possibilitar esse estado de coisas é que durante o luto arcaico, no período de elaboração da posição depressiva, o bom objeto tenha sido consistentemente introjetado junto ao ego.

Assim, quando o sofrimento é vivido ao máximo e o desespero atinge seu auge, o indivíduo de luto vê brotar novamente seu amor pelo objeto. Ele sente com mais força que a vida continuará por dentro e por fora, e que seu objeto amado perdido pode ser preservado em seu interior. Nesse estágio do luto, o sofrimento pode se tornar produtivo. Sabemos que experiências dolorosas de todos os tipos às vezes estimulam as sublimações, ou até despertam novas habilidades nas pessoas, que começam a pintar, escrever, ou iniciam outras atividades produtivas sob a pressão das frustrações e adversidades (KLEIN, 1940, p. 403)

Alguns aspectos chamam a atenção nesta passagem. O primeiro deles é que a possibilidade de renascimento a partir do luto depende da aceitação do sofrimento. Não há vida sem dor. Não há vida² quando buscamos incessantemente evitar a dor. Além disso, o sofrimento, especialmente a tristeza, se

2 No sentido de uma vida autêntica e genuína.

considerarmos os diversos lutos e microlutos recorrentes em nossas vidas, reconecta o indivíduo consigo mesmo. Produz silêncio interno, dá lugar ao sujeito, devolve-o à sua morada e possibilita um contato mais genuíno com o mundo. As possibilidades de construção e de sublimação se ampliam a partir disso. Há toda uma tradição kleiniana que pensa a aquisição simbólica a partir da elaboração da posição depressiva.

A literatura e a arte estão repletas de exemplos em que a perda ou a busca por sua elaboração se transformam em potência criativa. O escritor americano Paul Auster escreveu seu belo livro autobiográfico, *A invenção da solidão*, após a morte de seu pai. Vivia também naquele momento o fim de seu casamento e o afastamento de seu filho ainda pequeno. No confinamento de um quarto minúsculo escreveu o livro, que, por sinal, marca a passagem de sua obra da poesia para a prosa. Auster diz que sentiu uma necessidade quase física de escrever sobre o pai após sua morte, não havia outra coisa a ser feita. Em suas palavras: “se, enquanto estava vivo, eu andava sempre em busca dele, sempre tentando encontrar o pai que não estava presente, agora que ele está morto ainda tenho a sensação de que devo continuar à sua procura. A morte não mudou nada. A única diferença é que meu tempo se esgotou” (1999, p. 13). O livro se revela assim, dentre muitas coisas, uma tentativa em dar sentidos à ausência. Coloca em movimento imagens em torno do vazio. Muitas dessas imagens têm uma força poética arrebatadora, especialmente na segunda parte do livro, que Auster nomeia como *O livro da memória*. É desta segunda parte o seguinte trecho. Note-se que Auster se coloca em terceira pessoa:

Quando o pai morre, escreve ele, o filho se torna seu próprio pai e seu próprio filho. Olha para seu filho e vê a si mesmo no rosto do menino. Imagina o que o garoto vê quando olha para ele, e descobre a si mesmo se transformando em seu próprio pai. De forma inexplicável, fica comovido com isso. Não é apenas a visão do menino que o comove, tampouco o pensamento de se pôr dentro do pai, mas o que ele enxerga no menino do seu próprio passado desaparecido. É uma nostalgia da sua própria vida o que ele sente, talvez, uma recordação da própria infância, na condição de filho para o seu pai. De forma inexplicável, descobre a si mesmo a tremer naquele momento, tanto de felicidade quanto de tristeza, se isso é possível, como se estivesse indo ao mesmo tempo para a frente e para trás, rumo ao

futuro e rumo ao passado. E há ocasiões, ocasiões frequentes, em que estes sentimentos são tão fortes que sua vida já não parece mais habitar o presente. (AUSTER, 1999, p. 94)

A morte nos leva a um outro lugar. Nos leva, em realidade, a vários lugares e a vários tempos. Ela nos impõe a necessidade de sermos responsáveis por nós mesmos. Nos lança indefensavelmente na solidão da vida adulta e ao desamparo de nossa condição. Nos leva também a belas imagens. Como bem escreveu Manoel de Barros, “ninguém é pai de um poema sem morrer” (2015, p. 55).

REFERÊNCIAS

- AUSTER, P. *A invenção da solidão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BACHELARD, G. A poética do espaço. In: BACHELARD, G. *A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço*. Coleção Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BARROS, M. *Meu quintal é maior que o mundo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- CINTRA, E.M.U.; FIGUEIREDO, L.C.F. *Melanie Klein: Estilo e pensamento*. São Paulo: Escuta, 2004.
- COLLODI, C. *Pinóquio*. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- KLEIN, M. (1935) Uma contribuição à psicogênese dos estados maníacos-depressivos. In: KLEIN, M. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.
- KLEIN, M. (1940) O luto e a sua relação com os estados maníacos-depressivos. In: KLEIN, M. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.